Jornal Valor --- Página 4 da edição "13/09/2023 1a CAD B" ---- Impressa por ivsilva às 12/09/2023@21:02:07

Conglomerado Em pouco mais de um ano, grupo já investiu R$ 21 bilhões em novos negócios

Cosan avança em projeto de construção de um porto no Maranhão

Stella Fontes
De São Paulo

Em pouco mais de um ano, a Cosan investiu R$ 21 bilhões em novos negócios, a maior parte, ou R$ 17,4 bilhões, na compra de uma fatia de 4,9% da Vale. E deve haver mais pela frente: a companhia vai decidir até meados do ano que vem sobre a construção do Porto de São Luís, no Maranhão, que numa primeira fase demandará investimentos de US$ 650 milhões.

Hoje, a tendência é que o empreendimento saia do papel. Com 200 hectares de área licenciada, o terminal, que é 100% da Cosan, ficará a seis km da Estrada de Ferro Carajás (EFC), com estrutura pronta para dois berços de atracação e potencial de movimentação de até 115 milhões de toneladas ao ano — inicialmente, a capacidade será de 25 milhões de toneladas/ano.

"Poderíamos começar as obras já em 2024 se a decisão for por seguir em frente", afirmou o presidente da Cosan Investimentos, Leo Pontes, durante o Cosan Day. Além do terminal, que atenderá a uma região que sofre com gargalos logísticos, a Cosan firmou um memorando de entendimentos com Paulo Brito, fundador da Aura Minerals, para potencialmente constituir uma joint venture que reuniria o porto e três ativos minerários no Pará.

Neste momento, os planos para construção do porto estão mais maduros do que os de formação da JV, que ainda depende da comprovação de reservas, entre outras condições precedentes que devem ser cumpridas até a metade de 2024. Caso o projeto de JV não prospere, a Cosan poderá seguir por conta própria com a construção do terminal ou buscar outras alternativas, incluindo outros sócios. A estrutura de financiamento do projeto depende justamente dessa definição.

O investimento bilionário na Vale, disse Pontes, trouxe novidades em relação à estratégia executada até agora, entre as quais a de não ter o controle do negócio. O grupo tem aval do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) para elevar até 6,5% a posição na mineradora.

R$ 17 bi
Investimento feito em ações da Vale

DIVULGAÇÃO

Luis Henrique Guimarães, presidente do grupo Cosan: "Nosso portfólio está do tamanho que a gente quer e nos setores que a gente quer"

Na avaliação do presidente do grupo, Luis Henrique Guimarães, o portfólio atual de negócios está com a formatação e do tamanho pretendidos, e torna a Cosan capaz de exportar cada vez mais produtos em que o Brasil tem vantagem competitiva, com o avanço da transição energética, independentemente dos cenários político e econômico. "Nosso portfólio está do tamanho que a gente quer e nos setores que a gente quer", afirmou. "Segurança em carbono é chave para as diferentes nações e temos companhias posicionadas para isso".

Na Compass, braço de gás e energia do conglomerado, com exceção de uma ou outra oportunidades de privatização de distribuidoras em Estados considerados estratégicos, o plano de expansão "está basicamente cumprido". Com a aquisição da Gaspetro — as cinco distribuidoras do Nordeste devem ser vendidas até o final do ano — e a construção do Terminal de Regaseificação de GNL de São Paulo, o foco será direcionado à "contínua" expansão da Comgás, na reprodução da estratégia e na gestão da Comgás nas diversas distribuidoras da Commit (joint venture com a Mitsui, antiga Gaspetro).

Na Rumo, de logística, a estratégia é seguir ampliando capacidade para atender ao mercado crescente e concluir as obras da Malha Norte até Lucas do Rio Verde (GO), dentro custo e prazo previstos. Na Raízen, a meta é concluir a construção das oito plantas de etanol de segunda geração (E2G) e recuperar os resultados no segmento de distribuição de combustíveis no Brasil.

No negócio de distribuição de combustíveis, o aumento de 16% na oferta de diesel no mercado doméstico entre abril e junho, na comparação com os três meses anteriores, e a entrada de combustível importado a preços mais baixos levaram a fortes perdas com estoques pela distribuidoras no geral. "Foram 29 semanas consecutivas de queda de preço", comentou o presidente da companhia, Ricardo Mussa.

Desde julho, porém, o diesel importado está mais caro que fornecido pela Petrobras, beneficiando distribuidoras, como a Raízen, que tem cotas superiores com a estatal. "Então, temos um trimestre com ganho de inventário, mercado mais enxuto e margens significativamente melhores do que no primeiro trimestre [do ano safra 2023/24].

> "Cosan chegou a avaliar operações, de equity e IPOs de Compass e Moove"
> *Marcelo Martins*

Na Moove, de lubrificantes, a ambição é replicar o crescimento dos negócios nos Estados Unidos UA e na Europa, com rentabilidade. Para os próximos períodos, disse Guimarães, o lema para todos os negócios é execução, o que deve se refletir em "aumento significativo do Ebitda e retorno compatível ao atual ou maior".

Segundo o vice-presidente de Estratégia Marcelo Martins, a Cosan chegou a avaliar algumas operações de equity, incluindo a oferta pública inicial de ações (IPO) da Compass e da Moove, mas não pretende tirá-las do papel neste momento — houve rumores de que a Rumo também emplacaria um follow-on.

"A gente não tem o menor desejo de gerar diluição à Cosan a preços que consideramos inadequados. Hoje, todos os nossos ativos são negociados a preços inadequados, o que nos dá oportunidade de recomprar [ações] e não vender", observou.

Commit seguirá caminho da Comgás para crescer

Ana Luiza Tieghi
De São Paulo

A Commit, que surgiu a partir do controle da Gaspetro pela Compass, está crescendo e deve seguir o caminho traçado pela Comgás na última década, afirmou Nelson Gomes, CEO da Compass, no Cosan Day. "A melhor distribuidora da Commit ainda é um pouco pior do que a Comgás em 2012, então temos muito para crescer."

No segmento de distribuição, com Comgás e Commit, a intenção da Compass é focar no Centro-Sul do país e "eventualmente exercer o direito de preferência, quando e se houver privatização de distribuidoras" na área, segundo Gomes. A empresa está vendendo cinco distribuidoras no Nordeste.

Gomes destacou que a Compass terá mais um segmento neste ano, de "marketing & services". A nova divisão terá um terminal no porto de Santos, a ser finalizado ainda em 2023. O objetivo é entregar GNL (gás natural liquefeito) também para clientes desconectados da linha da Compass, com fornecimento por caminhões. A empresa deve operar nesse segmento, batizado de GNL B2B, em 2025.

A nova divisão também vai cuidar da comercialização de biometano, que será oferecido misturado ao gás natural. O biometano virá da parceira Orizon, que tem um aterro em Paulínia (SP).

Beto Abreu, CEO da operadora ferroviária Rumo, afirmou no mesmo evento que a companhia começou os primeiros 34 km da extensão da ferrovia em Lucas do Rio Verde (MT) e deve iniciar outros 150 km em 2024. "Em 2026, já queremos operar no terminal de Campo Verde, 200 km acima de Rondonópolis", disse. "Esse projeto transforma a competitividade do agronegócio brasileiro".

Em Goiás, foi concluído em julho um último trecho da ferrovia entre Rio Verde e Anápolis, que vai permitir conectar São Paulo ao Maranhão, segundo Abreu. Esse trecho pertence à Malha Central, operada desde 2021 pela Rumo. A primeira travessia deve ocorrer neste mês. "É momento histórico da ferrovia que começou a ser construída em 1987", disse.

Sobre a Malha Paulista, Abreu afirmou que a empresa tem 22% das obras entregues e está adimplente. "Não existe discussão de contrato com o governo, mas de um dos nove aditivos", afirmou.

A concessão da Malha Sul, que tem mais da metade dos 13 mil quilômetros de ferrovias operados pela Rumo, vence em fevereiro de 2027, e a empresa está avaliando a renovação. Sobre a Malha Oeste, a Rumo tenta há dois anos devolver a concessão, o que Abreu espera conseguir até o fim de 2024.

Incertezas derrubam produção e consumo de aço na AL

Siderurgia

Ivo Ribeiro
De São Paulo

A indústria do aço tem perspectivas de produção e consumo de produtos siderúrgicos na América Latina em 2023 não alentadoras, conforme as projeções setoriais da Associação Latino-americana do Aço (Alacero), bem como do Instituto Aço Brasil, que reviu seus números para o ano recentemente (em julho).

O Brasil é o principal país produtor de aço na região, seguido por México e Argentina. Em consumo aparente — soma de vendas internas mais importações —, os mercados brasileiro e mexicano se equiparavam. Mas, há alguns anos, o consumo aparente no México tem superado o do Brasil. O volume demandado no Brasil em 2022 alcançou 23,4 milhões de toneladas e a previsão é de recuo neste ano, a 22,9 milhões de toneladas.

Já o volume consumido no México foi de 24,8 milhões de toneladas — o décimo maior do mundo, atrás da Itália. A previsão para este ano no consumo mexicano é de alta de 2,5%, crescendo para 2,6% em 2024, segundo dados da World Steel Association (WSA).

Na região, o consumo aparente de produtos siderúrgicos projetado para este ano, após retração de 7,8% em 2022, ainda não tem estimativa. A Alacero ainda trabalha com previsões de março — alta de 1,8%, ante volume de 68,9 milhões de toneladas de material acabado. Para 2024, aumento de 2,4%.

Porém, desde então, o mercado continuou em desaceleração, principalmente no Brasil. Até junho, o consumo na região registrou leve crescimento, de 1,1%, atingindo 29,6 milhões de toneladas — no México houve aumento de 7%, na Argentina, 11,3%, enquanto Brasil registrou recuo de 1,3%, sobre mesmo semestre de 2022, de acordo com a Alacero.

Neste ano, a previsão é de recuo frente a 2022, que se contraiu frente ao recorde de 74,8 milhões de 2021. A Alacero informou que vai atualizar a estimativa para 2023, tanto de produção quanto de consumo, em novembro, durante o Summit anual do setor na América Latina que vai ocorrer em São Paulo.

Conforme dados da Alacero, que acabam de ser compilados, no primeiro semestre a produção de aço bruto na região teve decréscimo de 8,9% em relação aos mesmos seis meses de 2022, com total de 28,5 milhões de toneladas. A entidade atribui o desempenho setorial negativo a incertezas globais e lenta recuperação nos diversos setores consumidores de aço.

Quando se analisa por trimestres, diz a entidade, o segundo deste ano ficou 10,4% abaixo do mesmo período de 2022 e 0,3% inferior ao de janeiro a março. "Foi o trimestre mais baixo desde o terceiro trimestre de 2020", comenta a Alacero. No ano passado, a região produziu 62,3 milhões de toneladas de aço bruto.

Já em material laminado de aço — chapas, bobinas, perfis, vergalhões e fio-máquina —, o volume foi 4% abaixo do mesmo semestre do ano passado, somando 26,4 milhões de toneladas de produtos finais até junho. Todo o ano passado somou 54,2 milhões de toneladas. O segundo trimestre foi pior: teve queda de 5,4% na comparação anual e 1,5% sobre o primeiro de 2023. O desempenho se deteriorou desde o quarto trimestre de 2022, diz a Alacero.

No Brasil, que responde por mais da metade da oferta de aço na região, as projeções indicam quedas de 5% na produção e de 2,6% no consumo aparente. As vendas internas devem cair 6% (a 19,1 milhões de toneladas) e as exportações indicam retração de 0,3%, a 11,9 milhões. A maior parte dos embarques ao exterior é material semi-acabado (placas e tarugos).

Nesse cenário, só sobem as importações de produtos siderúrgicos — de China, Rússia, Turquia, Coreia do Sul e outras fontes. A previsão revista aponta aumento de 25,6% sobre 2022, o que tem preocupado as siderúrgicas locais.

> "A recuperação definitiva do consumo só irá ocorrer em 2024"
> *Alejandro Wagner*

"Incertezas globais e problemas estruturais marcam o cenário da economia na América Latina. A produção caiu, mas o consumo continua perto de 0 a 1% e há duas explicações: um ajuste de estoque, com plantas produzindo menos e exportações fracas. Esses indicadores nos mostram que o resto do ano será igual e a recuperação definitiva está prevista para 2024", afirma Alejandro Wagner, diretor executivo da Alacero.

A análise da Alacero é que o mercado de aço na região latino-americana sofre com a alta volatilidade e dificuldades de crescimento em razão da maior deterioração do indicador social, com altos níveis de instabilidade política em países da região.

A entidade ressalta que, para o futuro, as perspectivas de crescimento macroeconômico da região parecem frágeis, com destaque para Brasil e Colômbia, segundo o relatório (SRO) da WSA, de abril. A organização fará nova revisão do SRO em outubro.

ITAIPU BINACIONAL

PREGÃO ELETRÔNICO BINACIONAL
EF 1226-23

Objeto: serviços de implantação do sistema de alerta e sinalização sonora de condições de emergência e evacuação da área industrial da ITAIPU.
Condição de Participação: empresa legalmente estabelecida no Brasil ou no Paraguai.
Caderno de Bases e Condições: disponível nos sites **https://compras.itaipu.gov.br** ou **https://compras.itaipu.gov.py**.
Recebimento das Propostas: até às 9h (horário de Brasília) **de 26 de setembro de 2023**.

Daniele Tassi Simioni Gemael
Superintendente de Compras

Julio Alberto Peralta Deggeller
Superintendente Adjunto de ompras

AVISO PÚBLICO
LEILÃO DE COMPRA DE ENERGIA ELÉTRICA

A **COOPERATIVA REGIONAL DE DISTRIBUICAO DE ENERGIA DO LITORAL NORTE, "COOPERNORTE"**, inscrita no CNPJ nº 88.022.918/0001-82, e a **COOPERATIVA REGIONAL DE ELETRIFICAÇÃO RURAL FRONTEIRA SUL LTDA, "COOPERSUL"**, inscrita no CNPJ nº 87.462.750/0001-63, de forma a assegurar publicidade, transparência e igualdade de acesso aos interessados, conforme legislação aplicável, comunica que realizará em 19/10/2023 Leilão de Compra de Energia Elétrica. O Edital do Leilão e toda a documentação do certame, encontra-se disponível desde 15/09/2023 conforme orientação descrita no sítio eletrônico **https://coopernorte-rs.com.br/** e **http://coopersulrs.com.br/**. Os interessados deverão ser agentes na CCEE e solicitar a documentação pelo e-mail **leilao@coopernorte.net** até às 17h de 03/10/2023.